

Gabriela Cristina Borborema Bozzo  
(Organizadora)

# LETRAS, política & sociedade



Gabriela Cristina Borborema Bozzo  
(Organizadora)

# LETRAS, política & sociedade



**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo



Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia



**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Maiara Ferreira  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizadora:** Gabriela Cristina Borborema Bozzo

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

L649 Letras, política & sociedade / Organizadora Gabriela Cristina Borborema Bozzo. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0033-2

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.332223103>

1. Letras. 2. Política. 3. Sociedade. I. Bozzo, Gabriela Cristina Borborema (Organizadora). II. Título.

CDD 401

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)



## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

O livro *Letras, política & sociedade* apresenta, em seus treze capítulos, trabalhos diversos correlacionados ao tema que o volume se propõe a tratar, entrelaçando, de fato, as letras, a sociedade e a política. Tendo em vista que não há letras sem sociedade e não há sociedade sem política, o tema é muito bem cortejado pelos treze artigos que o atravessam.

Desse modo, temos trabalhos que possuem, como *corpus*, obras de Louvet de Couvray, Martins Pena, Pero Vaz de Caminha, Jorge de Souza Araújo, Mia Couto, José de Alencar, Gilberto Gil, E. E. Cummings, John Bunyan e Valêncio Xavier, cortejando seu objeto de estudo com diferentes possibilidades metodológicas, construindo um abrangente horizonte de abordagens literárias, musicais e históricas.

Há, ainda, trabalhos que contemplem manchetes do jornal G1, letramento de imigrantes e refugiados, declaração de Jair Bolsonaro à nação brasileira, o trabalho do crítico Roland Barthes e a mudança de apresentação de um partido político brasileiro. Como pode ser observado, há um rico leque de possibilidades de verificação desse vasto *corpus* no campo da linguística, bem como político e social.

Portanto, o volume em questão corrobora para o enriquecimento não só do campo da literatura e da linguística, mas também no que tange à política e à sociologia, contribuindo para com as Ciências Humanas e possibilitando novos conhecimentos para graduandos, graduados, pós-graduandos e pós-graduados e a todos que se interessarem por diversas correntes metodológicas a atravessarem o horizonte das humanidades.

Gabriela Cristina Borborema Bozzo

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO ..... 11**

DIZER O INDIZÍVEL: REFLEXÕES SOBRE O CONTEXTO HISTÓRICO, LITERÁRIO E SOCIAL EM “BECOS DO HOMEM”

Adriane Ester Hoffmann

Rita de Cássia Dias Verdi Fumagalli

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231031>

### **CAPÍTULO 2..... 16**

GUERRA CIVIL, SONHOS E ANCESTRALIDADES NA LITERATURA MOÇAMBICANA: DECIFRANDO A “TERRA SONÂMBULA” DE MIA COUTO

Diego Romerito Braga Barbosa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231032>

### **CAPÍTULO 3..... 27**

CARTAS ENTRE AMIGOS: UM RELATO LITERÁRIO

Juliana de Lima Laperá Batista

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231033>

### **CAPÍTULO 4..... 33**

JOSÉ DE ALENCAR: O POLÍTICO NATO

Juliana de Lima Laperá Batista

Valéria Carança Camargo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231034>

### **CAPÍTULO 5..... 39**

REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS DO LOCUTOR NA DECLARAÇÃO À NAÇÃO DO PRESIDENTE BOLSONARO (09/09/2021)

Neire Ferreira Yamamoto

Maria Eliete de Queiroz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231035>

### **CAPÍTULO 6..... 52**

UMA ANÁLISE SEMIÓTICA PEIRCIANA DA MUDANÇA DE PMDB A MDB, OU DAS “MUDANÇAS” POLÍTICAS NO BRASIL

Diego Rodrigo Ferraz

Rainne Fogaça da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231036>

### **CAPÍTULO 7..... 62**

REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DA ORALIDADE NO ENSINO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA DE ACOLHIMENTO PARA IMIGRANTES E REFUGIADOS NÃO ALFABETIZADOS

Umberto Euzébio

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231037>

<b>CAPÍTULO 8.....</b>	<b>75</b>
<i>PANIS ET CIRCENSE: DECOLONIALIDADE E EPISTEMOLOGIA AFRO-DIASPÓRICA EM GILBERTO GIL</i>	
Angélica Maria Schimitz da Silveira	
Camila Gabriela Pollnow	
Edelu Kawahala	
Lucas da Silva Sampaio	
Rodrigo Díaz de Vivar y Soler	
Thomas Teixeira Fidryszewski	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231038">https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231038</a>	
<b>CAPÍTULO 9.....</b>	<b>87</b>
INTERDIÇÃO E NÃO DITO EM DUAS ‘MANCHETES’ DO <i>G1</i>	
Diego Rodrigo Ferraz	
Raíne Fogaça da Silva	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231039">https://doi.org/10.22533/at.ed.3322231039</a>	
<b>CAPÍTULO 10.....</b>	<b>94</b>
ATRAVESSANDO FRONTEIRAS: O TRAVESTISMO COMO DENÚNCIA SOCIAL EM LOUVET DE COUVRAY E MARTINS PENA	
Cristina Reis Maia	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.33222310310">https://doi.org/10.22533/at.ed.33222310310</a>	
<b>CAPÍTULO 11.....</b>	<b>105</b>
ROLAND BARTHES: ENTRE O EXERCÍCIO CRÍTICO E A LITERATURA, ENTRE A FIGURA E O PERSONAGEM	
Winnie Wouters	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.33222310311">https://doi.org/10.22533/at.ed.33222310311</a>	
<b>CAPÍTULO 12.....</b>	<b>122</b>
NARRAÇÃO E MONTAGEM EM <i>O MEZ DA GRIPPE</i>	
Damásio Marques	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.33222310312">https://doi.org/10.22533/at.ed.33222310312</a>	
<b>CAPÍTULO 13.....</b>	<b>140</b>
<i>THE ENORMOUS ROOM</i> E <i>THE PILGRIM’S PROGRESS</i> : PEREGRINAÇÃO EM BUSCA DA LIBERDADE	
Laura Moreira Teixeira	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.33222310313">https://doi.org/10.22533/at.ed.33222310313</a>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA.....</b>	<b>154</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>155</b>

# CAPÍTULO 8

## PANIS ET CIRCENSE: DECOLONIALIDADE E EPISTEMOLOGIA AFRO-DIASPÓRICA EM GILBERTO GIL

Data de aceite: 01/03/2022

Data de submissão: 14/12/2021

### Angélica Maria Schimitz da Silveira

Graduação em Pedagogia pela UFSC. Mestranda em Educação pela Universidade Regional de Blumenau - FURB. Professora efetiva na Rede Municipal de Florianópolis/SC <https://orcid.org/0000-0002-8491-6002>

### Camila Gabriela Pollnow

Graduação em Letras pela UFSC. Mestranda em Educação pela Universidade Regional de Blumenau - FURB. Professora na rede municipal de Pomerode/SC <http://lattes.cnpq.br/2340980113968864>

### Edelu Kawahala

Doutora em Teoria Literária pela UFSC. Professora do curso de Psicologia da Universidade Estácio de Sá <http://lattes.cnpq.br/1285169006756420>

### Lucas da Silva Sampaio

Graduando do 2º semestre de Psicologia pela Universidade Regional de Blumenau - FURB. Bolsista de pesquisa PIBIC/CNPq <http://lattes.cnpq.br/7791591841841067>

### Rodrigo Díaz de Vivar y Soler

Doutor em Filosofia pela UNISINOS. Professor permanente do curso de Psicologia da Universidade Regional de Blumenau - FURB e professor colaborador do Mestrado em Educação da FURB <https://orcid.org/0000-0001-7286-3129>

### Thomas Teixeira Fidryszewski

Graduação em Psicologia pela Estácio de Santa Catarina. Pós-Graduação em Saúde do Idoso e Gerontologia pela faculdade UNYLEYA. Mestrando em Educação pela Universidade Regional de Blumenau - FURB. Psicólogo Clínico <https://orcid.org/0000-0002-2081-0591>

**RESUMO:** O presente artigo busca analisar as imagens discursivas do negro presentes nas canções de Gilberto Gil, tendo como propósito demonstrar de que maneira as questões da memória e da identidade negra são abordadas em suas canções ao longo de sua carreira artística. O cantor e o compositor trazem consigo uma evocação de memórias capazes de quebrar as formas do silêncio, rompendo barreiras, denunciando formas de racismo e exclusão social. Gil tem composto e interpretado muitas canções populares que se engajam nas lutas pelas memórias da negritude brasileira, como o movimento tropicalista, que emerge, de certa forma, como uma crítica em torno dos aspectos ligados à cultura do entretenimento, a qual marca o cenário cultural brasileiro. O texto também traz algumas contribuições de outros autores, para aprofundar a discussão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gilberto Gil. Identidade Negra. Tropicália. Cultura.

## PANIS ET CIRCENSE: DECOLONIALITY AND AFRO-DIASPORIC EPISTEMOLOGY IN GILBERTO GIL'S WORK

**ABSTRACT:** This article seeks to analyze the discursive images of black people present in Gilberto Gil's songs, aiming to demonstrate how the issues of black memory and identity are approached in his songs throughout his artistic career. The singer and composer bring an evocation of memories capable of breaking the forms of silence, breaking down barriers, denouncing forms of racism and social exclusion. Gil has been composing and interpreting many popular songs that engage in the struggles for memories of Brazilian blackness, such as the tropicalist movement, which emerges as a critique of aspects related to the culture of entertainment, which marks the Brazilian cultural scene. The text also brings some contributions from other authors, to deepen the discussion.

**KEYWORDS:** Gilberto Gil. Black Identity. Tropicália. Culture.

*Hoje Caetano e Gil*

*Estão juntos na TV*

*Outro dia Dona Canô disse*

*Caetano venha ver*

*Aquele preto que você gosta*

*Aquele preto que você gosta*

*Aquele preto que você gosta*

*Está cantando na TV.*

(Dona Canô - Daniela Mercury, 1996)

## 1 | INTRODUÇÃO

Cantor, compositor, multi-instrumentista e político. Não faltam atribuições para o baiano Gilberto Gil. Certamente seu nome ocupa um papel de destaque na história da cultura nacional e o mérito do seu trabalho ultrapassa as fronteiras de muitos países e de muitas culturas. No mês da consciência negra, Gilberto Gil foi eleito para o seletivo grupo dos “imortais” da Academia Brasileira de Letras. Reconhecimento mais do que merecido pelo conjunto de sua obra, sem sombra de dúvida, mas também reconhecimento necessário pelos contornos que as lutas antirracistas assumem no início do século XXI. Entre tantas atrocidades cometidas cotidianamente e sistematicamente contra a população negra, o fato de que a erudição acadêmica enfim foi tomada de assalto pela lírica das ruas, pelas vozes marginais, negras e periféricas. Gil, na academia, não é mais o “indivíduo”, mas uma alegoria de tantos performers, poetas, rappers e músicos que, cotidianamente, nos lembram a potencialidade das identidades diaspóricas e periféricas contra a normose do etnocentrismo.

O artigo que por ora apresentamos tem como finalidade analisar algumas linguagens discursivas pelas quais podemos tensionar a aproximação entre os elementos da Tropicália e das identidades afro diaspóricas, que acabam por sinalizar a possibilidade

de compreendermos os elementos pelos quais a constituição do sujeito é marcada pelas experiências da decolonialidade. Isso significa dizer que podemos reconhecer em muitos momentos do trabalho intelectual de Gilberto Gil a possibilidade de seu trabalho constituir-se como uma forte crítica da constituição do sujeito e das experiências étnico-raciais no Brasil a partir da colonização dos corpos, mas também das próprias colonizações das subjetividades.

## 21 PELO ATLÂNTICO NEGRO: IDENTIDADES EM FLUXOS, TROPICÁLIA E CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE

A Tropicália pode ser considerada um dos últimos movimentos que agregaram diversas manifestações artísticas por meio de um processo de ruptura cujas ressonâncias estão inscritas em muitas vertentes da cultura latino americana, brasileira e europeia. Embora alguns tropicalistas tenham sido assumidamente influenciados pelos modernistas, não se poderia chamar tal acontecimento de uma mera atualização dos trabalhos provenientes dos intelectuais da “semana de 1922”. Talvez a maior contribuição da Tropicália seja a antropofagia do fenômeno *POP*, não só da cultura brasileira, mas também internacional, agregando o popular, o brega e o erudito, em um processo de bricolagem cujas referências se inscrevem na perspectiva agambeniana da profanação (AGAMBEN, 2007). A Tropicália compreende, portanto, os dispositivos de um desdobrar permanente do carretel da linguagem. Ela emerge, de certa forma, como uma crítica em torno aos aspectos ligados à cultura do entretenimento, mas também da relação entre a arte engajada e as apropriações políticas dos objetos estéticos. Dito de outra forma, as performances tropicalistas indicam a possibilidade de se construir uma obra de arte sem recorrer, necessariamente, a uma “pedagogia da vida militante” ou ainda, a um “despertar coletivo da consciência das massas”. Se atentarmos, no Brasil dos anos 1950 e 1960 a resistência ao imperialismo americano limitava-se a duas ou três palavras de ordem, negando tudo que fosse proveniente da cultura estadunidense e europeia. Essa experiência, por vezes, transformava o popular em “sub arte”, produto de uma indústria cultural, em que, segundo Adorno, era compreendida pelo sucateamento da cultura erudita. Os tropicalistas contrapõem-se aos intelectuais de esquerda e recorrem ao *POP* como mercadoria a ser consumida, pelos critérios da antropofagia. Todo tropicalista tem plena consciência de que faz parte da engrenagem capitalista, e, de certa forma, o problema não consiste somente em criticar a Ideologia do Capital acenando para a revolução de classes, mas, sobretudo, operar um corte preciso nos elementos e dispositivos culturais, profanando a sua identidade e colocando-a a serviço de uma arte que se pretende crítica a partir da realidade brasileira. O problema da Tropicália é mais de procedimento, ou seja: usar os aparatos do centro, mas lhe correr as próprias engrenagens por meio do sarcasmo, da ironia, do deboche e, dessa maneira, profanar as ideologias.

A centralidade na questão de classe é questionada não num movimento de alienação e descompromisso, como apontaram alguns críticos, mas para além disso, a Tropicália extrapola todos os limites da alteridade. Por exemplo, o desbunde, tão ofensivo aos militantes, como aos cidadãos de bem, emerge como uma forma de repensar os modelos de condutas embrutecidas, ou a serviço da revolução, ou de uma vida devotada ao fascismo. O enunciado da Tropicália bem poderia ser: “desbundados de todo o mundo, uni-vos!” Uni-vos contra a miséria do capitalismo, mas também vos uni contra a miséria de uma vida enfadonha e triste. A Tropicália é, portanto, o resultado do nosso sentimento originário da rua das periferias que habitamos. Ou seja, os elementos alegóricos pelos quais permite-se deslocar do “carrego colonial” a partir de outras possibilidades diante de diversos caminhos em que a esquerda rebatia a direita com o mesmo tom de autoritarismo, e, ao romper com essa perspectiva, emerge a encruzilhada como sentido poético da Tropicália. Segundo Rufino:

A orientação pela encruzilhada expõe as contradições desse mundo cindido, dos seres partidos, da escassez e do desencantamento. As possibilidades nascem dos *cruzos* e da diversidade como poética/política na emergência de novos seres e na luta pelo reencantamento do mundo. (RUFINO, 1987, p. 10).

Com um olhar regional e universal, os tropicalistas tiveram influência de artistas como Luiz Gonzaga e Beatles. Da mesma forma, na política discutiram o contexto brasileiro na ditadura, assim como foram impactados - como a maioria dos jovens de sua geração - pelo movimento de maio de 1968, e as novas pautas, como as liberdades civis democráticas, os direitos das minorias, a igualdade entre homens e mulheres, entre brancos e negros e entre heterossexuais e homossexuais.

Maio de 68 é da ordem de um acontecimento puro, livre de qualquer causalidade normal ou normativa. A sua história é uma “sucessão de instabilidades e de flutuações amplificadas”. Houve muitas agitações, gesticulações, falas, besteiras, ilusões em 68, mas não é isso que conta. O que conta é que foi um fenômeno de vidência, como se uma sociedade visse, de repente, o que ela tinha de intolerável, e visse também a possibilidade de outra coisa. É um fenômeno coletivo na forma de: “Um pouco de possível, senão eu sufoco...” O possível não preexiste, é criado pelo acontecimento. É uma questão de vida. O acontecimento cria uma nova existência, produz uma nova subjetividade (novas relações com o corpo, o tempo, a sexualidade, o meio, a cultura, o trabalho...). (GUATTARI, DELEUZE, 2015, p. 119).

Dentre todas as vozes da Tropicália, Gilberto Gil caracteriza-se como uma importante alegoria em torno das condições de possibilidades do sentido da experiência decolonial e da afro-diasporicidade. Partindo do pressuposto de que a decolonialidade caracteriza-se como uma experiência epistemológica responsável por tensionar os efeitos entre o conhecimento etnocêntrico, em nome das vozes periféricas, os sentidos produzidos por uma linguagem que é da ordem do cotidiano e da realidade brasileira e latinoamericana.

Gil nasceu em 1942, em Salvador, mas foi criado em Ituaçu, cidade onde passou

sua infância. Por conta da condição socioeconômica de seus pais, que atuavam como médico e professora, ele teve a possibilidade de explorar sua formação intelectual e de artista. A infância foi dedicada a ouvir Luiz Gonzaga, o qual o influenciou nas primeiras notas do acordeón. Décadas mais tarde - especificamente no ano de 2002 - no encarte do CD "Kaya n'gan daya", Gil reconheceu a pertinência de Luiz Gonzaga para se pensar não somente as representações, mas as resistências ligadas ao sentimento nordestino que acompanha o seu trabalho.

Ao ingressar na faculdade de Administração, Gil conhece Caetano, Bethânia, Gal e Tom Zé, dando início a um período conhecido como fase prototropicalista. Embora o período efervescente da Tropicália tenha durado cerca de dois anos, seu pensamento atravessaria toda a obra de Gil, sendo sua posição como tropicalista reafirmada quando assumiu o Ministério da Cultura em 2003, conforme relata Vianna (2007).

Dentre os diversos temas abordados por Gil em sua carreira, a problemática das questões étnico-raciais sempre foi marcante. Criado em uma Bahia negra e em um país onde o mito da democracia racial<sup>1</sup> impedia a discussão sobre as desigualdades vivenciadas por negras e negros, Gil apresenta em suas músicas importantes reflexões sobre culturas negras diaspóricas no Brasil

É necessário que se contextualize o fato de que a problemática das relações étnico-raciais emerge, sobretudo, no período do final dos anos 1960 e início dos anos 1970, quando muitas pautas em torno da afirmação de novas formas de identidades passam a eclodir, especialmente na periferia de países latinoamericanos, asiáticos e africanos, além da Europa e dos próprios Estados Unidos. A questão racial começa a ter visibilidade por meio da ação direta de grupos ligados aos movimentos pela descolonização da África: os Panteras Negras, os *Black Power*, os Rastafáris, que passam a influenciar os jovens no mundo todo, conforme aponta Dunn:

Nos anos 70, esses fluxos culturais transnacionais foram particularmente significativos para o desenvolvimento de novas formas de música brasileira urbana que denunciavam desigualdades raciais, confirmavam vínculos históricos e culturais com a África e articulavam a identidade negra coletiva. (DUNN, 2009. p. 206).

Com Gil não foi diferente, contudo, a maneira de construção de seu pensamento e arte sobre a negritude apresenta-se de modo a articular a questão da africanidade e negritude com reflexões a respeito das relações de poder que permeavam a questão racial.

Em vários contextos, a música soul, os filmes que exploravam estereótipos dos negros e as celebridades afro-americanas do esporte exerceram grande impacto sobre a juventude africana e diaspórica, gerando expressões que muitas vezes divergiam das culturas nacionais sancionadas pelo governo. [...] Jovens afro-brasileiros se apropriaram destes produtos e ícones culturais para contestar a inclinação nacionalista de brasilidade, que tendia a minimizar

---

<sup>1</sup> Conceito elaborado por Gilberto Freyre no qual aborda que, no Brasil, não existiria o racismo entre as etnias e que todos têm igual chance de desenvolvimento e prosperidade em suas vidas.

a discriminação e a desigualdade racial exaltando a identidade mestiça. (DUNN, 2009. p.206-207).

Em Gil, podemos perceber duas noções simultâneas. Uma em que ele se posiciona diante de sua negritude, numa perspectiva a qual pode parecer ambígua aos que desconhecem a Tropicália. Outra, referente ao fato de que, para ele, o dispositivo da mestiçagem é um elemento positivo, contrariando a colonização de pensamento estadunidense do qual alguns grupos do movimento negro eram vinculados. Ou seja, a ideia de que uma visão racial purista também estaria presente no contexto do pan-africanismo e outras metáforas da narrativa representacional e da construção de uma identidade inventada, como forma de resistência à cultura branca e europeia. Numa entrevista a Ana Maria Baiana, em 1977, Gil argumenta:

A cor negra é como um combustível luminoso, vibrátil, que fornece uma espécie de energia pra toda a humanidade, da qual a humanidade está cada vez mais carente, uma energia telúrica tá entendendo? Ela dá no sentido principalmente da miscigenação que vai se fazendo cada vez mais no mundo. (COHN, 2007, p. 147).

Gil tem plena consciência de que a miscigenação não é uma oposição à negritude, mas um percurso que liga a constituição de sujeitos diaspóricos que navegam pelo Atlântico Negro (GILROY, 2001). Ele não se coloca diante de um purismo utópico e ingênuo - do qual são testemunhas o movimento de repatriação de negros e negras para a África e a estruturação, ainda no século XIX da Libéria, a primeira nação negra formada por escravos libertos -, ele prefere transitar por culturas que, de alguma forma, “lambuzaram-se entre si”, como afirma Mia Couto no filme “Língua – Vida em Português”. Neste sentido, podemos pensar em Gilberto Gil e seu pensamento afro-diaspórico como híbridos. Gil aponta para estes trânsitos culturais em 1976, ao escrever uma letra sobre a origem do Rock, como aponta Dunn:

Gil retrata o surgimento do rock’n’roll como uma colisão entre a Europa feminina e uma África masculina: ‘Vertigem verga a virgem branca tomba sob o sol/rachando em mil raios pelo machado de Xangô/E assim gerados, a rumba, o mambo, o samba, o rhythm’n’blues tornaram-se ancestrais, os pais do rock and roll’. A cultura européia representada como ‘virgem branca, é dilacerada em vários pedaços por Xangô, uma divindade guerreira na religião ioruba, gerando um conjunto de ritmos diaspóricos em Cuba, no Brasil e nos Estados unidos, que viriam a se tornar raízes do rock moderno. (DUNN, 2009, p. 204).

Gilroy (2001) aponta para a construção de um pensamento híbrido em contraposição a um saber único ao tratar da cultura negra e do perigo de pensar a negritude a partir de um essencialismo. Corre-se assim o risco de se reinventar o que Gilroy chama de um “pan-africanismo bruto” e de retomar ideais que estejam estruturados unicamente na questão racial definida como essência da própria ideia de negritude. A atitude de se cruzar o Atlântico não é somente um problema ligado às dimensões geográficas, mas também linguísticas,

culturais e históricas. Dessa maneira, o Atlântico não é a busca pelas raízes, mas pela possibilidade de se pensar e de se sentir a africanidade construída a partir de uma polifonia diaspórica. Essa é, portanto, a marca de uma vontade tropicalista: ser um sujeito diaspórico que se nega a seguir um único roteiro e falar uma única linguagem.

Em sua composição “Oração pela libertação da África do Sul”, Gil dialoga com estas diversas africanidades:

Se o rei zulu já não pode andar nu / Se o rei zulu já não pode andar nu / Salve a batina do bispo tutu / Salve a batina do bispo tutu / Ó deus do céu da África do sul / Do céu azul da África do sul / Tornai vermelho todo sangue azul / Tornai vermelho todo sangue azul / Já que vermelho tem sido / Todo sangue derramado / Todo corpo. (GIL, 1985, s/p.).

Toda Tropicália é, desde sua concepção, formada por bricolagens, tendo em vista sempre a possibilidade de ressignificar os aspectos ligados aos artefatos de múltiplas culturas. Neste sentido, Gil nos aponta a possibilidade de uma negritude viva e encarnada nos desafios brutais das práticas cotidianas e sociais. Mais do que nunca, cultura não é folclore ou entretenimento, mas uma máquina de guerra repleta de possibilidades.

Esse é o efeito fundamental pelo qual podemos pensar as composições de Gil como emblemas dos efeitos paradoxais da constituição do sujeito no mundo contemporâneo, pois para ele a mestiçagem necessita ser compreendida a partir do seguinte diagnóstico:

Quando enfatizo o caráter essencialmente mestiço e sincrético do meu povo e da minha cultura, não quero dizer que isso não tenha ocorrido em outros lugares do mundo. É claro que ocorreu – e ocorrerá sempre. Mas temos de atentar para três aspectos fundamentais de nossa configuração histórica e cultural. Primeiro, para o alto grau de mestiçagem que marcou o Brasil. Isto foi – e continua sendo – um fato historicamente digno de nota. Segundo, para o fato de que aqui culturas muito diversas entre si realmente se mesclaram em profundidade. A nossa cultura, com todas as suas diversidades internas, é totalmente sincrética. Desde o seu início, já que os colonizadores portugueses não conseguiram impor uma rígida linha divisória entre a cultura dominante e as culturas dos dominados. Terceiro, para o fato de que, além de sermos mestiços, sabemos nos ver e nos reconhecer como tais. Ao contrário do que se passa nos Estados Unidos, onde a pessoa ou é negra ou é branca, olhamos para as nossas peles e reconhecemos muitos matizes de cor. Os brasileiros, diferentemente dos norte-americanos, querem assumir todos os seus antepassados. (GIL, 2003, s/p.).

Ora, cabe ressaltar que problematizar a mestiçagem implica abordá-la criticamente, diagnosticando as relações raciais, as tensões e negociações em torno desse lugar. A complexidade do conceito de mestiçagem está em retirar dela seu caráter naturalista e ideológico. Também é muito importante pensar o mestiço para além do biológico. Se a mestiçagem não é um problema ideológico, nem biológico, mas um dispositivo de assujeitamento colonial cujas ressonâncias se inscrevem no nosso tempo presente. Enquanto sujeito de entre-lugares, o mestiço ocupa o interstício de uma relação desigual entre colonizado e colonizador, escravo e senhor, podendo, portanto, supor-se capaz de

flutuar entre esses dois lugares.

Em 1989, Gil compõe uma canção em que afirma a defesa do sincretismo e miscigenação como uma estratégia de resistência cultural:

DE BOB DYLAN A BOB MARLEY - UM SAMBA-PROVOCAÇÃO - Pela mania da compreensão / Ainda hoje andei tentando decifrar / Algo que li que estava escrito numa pichação / Que agora eu resolvi cantar / Neste samba em forma de refrão: "Bob Marley morreu / Porque além de negro era judeu / Michael Jackson ainda resiste / Porque além de branco ficou triste". (GIL, 1989, s/p.).

Vianna (2007) aponta um indício para entendermos a suavidade com que Gil lida com a mestiçagem. Ele é tropicalista e, como tal, está acostumado a montagens e justaposições em que as diferenças não se apagam, pois a Tropicália é coro de vozes em disparada. Vozes dissonantes de um coletivo que não abafa a individualidade.

Hall (2009, p. 326) menciona a importância da "[...] necessidade de compreender as estratégias dialógicas e as formas híbridas essenciais à estética diaspórica". É preciso deslocar-se da essencialização da diferença da lógica binária para compreender a diversidade e não a homogeneidade da experiência negra e de sua produção cultural, não somente para contemplar as clivagens cravadas na experiência afro-diaspórica, mas para articulá-las a outras especificidades, como gênero, classe e etnia, para além da raça.

Gil reconhece o Brasil mestiço e tem consciência das desigualdades raciais, como assinalado em "A Mão da Limpeza":

O branco inventou que o negro / Quando não suja na entrada / Vai sujar na saída, ê / Imagina só / Vai sujar na saída, ê / Imagina só / Que mentira danada, ê / Na verdade a mão escrava / Passava a vida limpando / O que o branco sujava, ê / Imagina só / O que o branco sujava. (GIL, 1984, s/p.).

Nesta canção, Gil aponta para o lado mais perverso do racismo na sociedade brasileira. Os tons sádicos e lúdicos pelos quais naturalizamos as desigualdades entre brancos e negros. Essa experiência pode ser sinalizada pelas afirmações de Batista e Campos:

O Brasil não é um país livre de preconceitos, em especial, àqueles referentes a questões étnico-raciais, religiosas ou geracionais. Segundo Gonçalves e Silva (2002), o mito da democracia racial foi um dos maiores mecanismos de dominação ideológica produzido no mundo, ainda atual. A discriminação contra vários grupos permaneceu viva e real, em um jogo no qual os diferentes são ao mesmo tempo exaltados e excluídos. Como afirma Pierucci (1990), o racismo surge não da negação da diferença, mas sim de sua exaltação, pois a rejeição das diferenças ocorre após a afirmação das mesmas. (CAMPOS, BATISTA, , 2015, p. 41).

Este processo de desqualificação da negritude foi um dos alicerces fundamentais para que a empresa colonial destruísse qualquer possibilidade de identificação positiva em relação aos aspectos ligados à identidade negra, permitindo não somente a exploração econômica corporal, mas também psicológica, responsáveis por fazer do racismo uma

aceitação tão natural, como qualquer outra prática social conhecida. Munanga define essa estratégia racista como

[...] uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estas últimas suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais. Visto deste ponto de vista, o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural. (MUNANGA, 2004, s/p.).

Estrategicamente, Gil aborda a questão da identidade como uma possibilidade de superação do racismo. Fanon (2008) coloca que a condição do sujeito negro é singular, porque ele está tanto cultural quanto historicamente em uma posição de inferioridade e sujeição ao colonizador branco. Para o autor, a colonização e o racismo alteram profundamente a subjetividade do negro. Apesar deste recorte psicológico, não há reducionismo. A perspectiva analítica empreendida por Fanon é psicossocial, uma vez que compreende o sujeito como produto de uma realidade econômica e social. Segundo Fanon (2008), a luta dos negros só irá se efetivar nos planos objetivos e subjetivos no intenso e arenoso campo das relações e das práticas sociais existentes a partir da historicidade dos indivíduos e de seus respectivos modos de produção.

A questão do corpo será outro elemento importante para os tropicalistas e para Gilberto Gil em sua relação com a questão racial, como demonstra na música “Sarárá Miolo”:

Sara, sara, sara, sarará / sara, sara, sara, sarará / sarará miolo / sara, sara, sara cura dessa doença de branco / sara, sara, sara cura / dessa doença de branco de querer cabelo liso / já tendo cabelo louro / cabelo duro é preciso / que é para ser você / crioulo. (GIL, 1979, s/p.).

A questão da cor e dos traços fisionômicos no Brasil são os principais elementos de identificação racial. Segundo Segato (2005), os traços fisiológicos são comumente pensados na tentativa de desfiliação racial, colocando o racismo como um problema constituinte do nosso país. Ora, se ser negro implica em uma identificação com tudo o que há de pior na história de toda a humanidade. É preciso que se criem dimensões efetivas de desmobilização e de embranquecimento como estratégia de aniquilamento das heranças culturais e das matrizes negras em todas as dimensões dos planos simbólicos e concretos. É preciso destituir tudo o que é proveniente da cultura negra, desmerecendo-a constantemente e cotidianamente. Mais do que embranquecer uma população, o problema do racismo consiste em embranquecer as próprias dimensões dos fenômenos da música, da literatura e da arte.

Assim como a democracia racial encobre os conflitos raciais, o estilo de cabelo, o tipo de penteado, de manipulação e o sentido a eles atribuídos pelo sujeito que os adota podem ser usados para camuflar o pertencimento étnico/

racial, na tentativa de encobrir dilemas referentes ao processo de construção da sua identidade negra. (GOMES, 2002, p. 97).

Gil, em vários momentos, usa o seu corpo para se afirmar a partir de uma estética afro, chegando a ser ridicularizado por alguns de seus críticos quando começou a usar tranças e adereços africanos, conforme relata Dunn (2009).

Hall argumenta que, para além de uma cultura eurocêntrica branca, o povo da diáspora negra tem encontrado estratégias de produção cultural que possibilitam um movimento de resistência. Neste sentido, salienta: “pensem o corpo como se ele fosse, e muitas vezes foi, o único capital cultural que tínhamos. Temos trabalhado em nós mesmos como em telas de representação.” (HALL, 2009, p. 324).

Gil usa tranças, *dreads* e *black power* porque se reconhece em todos esses elementos identitários. Gil é negro, mas reivindica, por outro lado, ao modo de Fanon (2008), não só a negritude, mas, acima de tudo, a liberdade ontológica de ser, não só negro. Suas canções constituíram-se como evocação de memórias capazes de quebrar as formas do silêncio, rompendo barreiras, denunciando formas de racismo e exclusão social.

Segundo Stuart Hall (2006), a homogeneização cultural é o grito angustiado de quem está convencido de que a globalização ameaça abafar as identidades e a “unidade” das culturas nacionais; entretanto, como visão do futuro das identidades num mundo pós-moderno, neste cenário, como é colocado, é muito simplista, exagerado e unilateral. O discurso de uma cultura nacional não é assim tão moderno, pois temos as glórias do passado e o impulso para a modernidade. Conforme Domingues (2011, p. 121), “O racismo não permaneceu intacto depois do regime de cativo, tendo sido ajustado e reajustado em dissonâncias, assumindo novas funções, vertentes e roupagens dentro da nova ordem”, ou seja, a democracia racial deste país é uma realidade paralela que ninguém nunca viu.

### 3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme pudemos observar ao longo desse texto, a linguagem presente em muitos trabalhos desenvolvidos por Gilberto Gil acaba por transpor os limites das experiências da cultura do entretenimento, inserindo-se no profundo debate entre as dinâmicas sociais, políticas, econômicas e históricas de nosso país. O contexto das ciências humanas e, mais especificamente o debate em torno da relação entre arte, estética, poesia e literatura, é comumente delimitado pelos papéis representacionais que cada modalidade de discurso possui em torno de uma determinada experiência do pensamento. Trata-se, no caso, das humanidades de sujeitar o discurso artístico a uma determinada escola ou corrente epistemológica.

As representações assumem, nesse contexto, uma “vontade da verdade” em que o artista se torna ferramenta para as angústias, problematizações e críticas produzidas pelos horizontes e circuitos acadêmicos. Muito embora essa perspectiva ilustre a presença

e atualidade de bons trabalhos e reflexões, por certo, frequentemente tal procedimento acaba por tensionar a relação entre arte, hermenêutica e discursividade.

Nos últimos anos, contudo, a crítica decolonial vem potencializando outras possibilidades de percebermos tais dinâmicas compreendendo a formação de pequenas máquinas de guerra pelas quais as experiências do pensamento são levadas a cabo pelo contexto de outras formas de produzir e agenciar a linguagem que emerge no “exterior” da academia. Linguagens periféricas que “ardem”, denotam o tom de um movimento político e social de corpos e subjetivações negras, mestiças, indígenas e originárias que tensionam a imersão de identidades porosas pelas quais podemos problematizar as condições das experiências étnico-raciais no nosso país.

O fato de tensionarmos os efeitos que ligam Gilberto Gil à Tropicália e à perspectiva crítica da constituição de uma identidade diaspórica não deve ser compreendido como uma tentativa de explicação ou de uma hermenêutica que liga o movimento pendular do “dito e do não dito”. Para nós, é mais importante percebermos como a máquina de guerra decolonial favorece o entendimento de que a arte é uma afetação e, como tal, ela pode ser uma chave para que possamos problematizar os modos pelos quais fomos e somos colonizados tanto do ponto de vista corporal, mas também psicológico. O que propomos não é uma chave de leitura, mas um deslizar pela superfície e pela porosidade dos cristais do conhecimento, pois como bem lembra Gilles Deleuze:

um cristal que não se desenvolve a não ser pelas bordas. Sem dúvida, não é o mesmo que se dá com um organismo; este não cessa de se recolher em um espaço interior, como de se expandir no espaço exterior, de assimilar e de exteriorizar. Mas as membranas não são aí menos importantes: elas carregam os potenciais e regeneram as polaridades, elas põem precisamente em contato o espaço exterior independentemente da distância. O interior e o exterior, o profundo e o alto, não têm valor biológico a não ser por esta superfície topológica de contato. É, pois, até mesmo biologicamente é preciso compreender “que o mais profundo é a pele”. (DELEUZE, 2000, p. 106).

É nesse contexto que a linguagem produzida por Gilberto Gil compreende as condições de possibilidades pelas quais os espaços que envolvem as relações étnico-raciais podem ser investidos por um movimento capaz de nos permitir ultrapassar a fina película que recobre as relações entre militância, a constituição de si e os problemas estruturais vivenciados pela sociedade brasileira.

## REFERÊNCIAS

BASUALDO, Carlos. **Tropicália**: uma revolução na cultura brasileira. São Paulo, Cosac Naify, 2007.

BATISTA, Elise Helena de Moraes. CAMPOS, Maria Teresa de Arruda. Rir do outro: o fascismo das piadas racistas no cotidiano. **Horizontes**, 33 (2), 37-46, 2015.

COHN, Sergio. Gilberto Gil – Encontros. Rio de Janeiro, Beco do Azogue, 2007.

DELEUZE, Gilles. **A lógica do sentido**. São Paulo, Editora Perspectiva, 2000.

DUNN, Christopher. **Brutalidade jardim: a Tropicália e o surgimento da contracultura brasileira**. São Paulo, Editora UNESP, 2009.

DOMINGUES, Petrônio José. “Um desejo infinito de vencer”: o protagonismo negro no pós-abolição. **Revista Topoi**. Rio de Janeiro, v. 12, n. 23, p. 118-139, jul.- dez., 2011.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador. EDUFBA, 2008.

GIL, Gilberto. **Discurso do Ministro Gilberto Gil Dando Posse à Nova Diretoria da Fundação Cultural Palmares**. Disponível em: [http://www.lidora.info/fusaoracial/discurso\\_do\\_ministro\\_gil.htm](http://www.lidora.info/fusaoracial/discurso_do_ministro_gil.htm). Acesso em: 25 jul. 2010.

GIL, Gilberto. **A mão da limpeza**. In: Gil, Gilberto. **Raça Humana**. Wea Discos, 1984.

GIL, Gilberto. **De Bob Dylan a Bob Marley - Um samba provocação**. In: Gil, Gilberto. **The Eternal God of Change**. Wea Discos, 1989.

GIL, Gilberto. **Oração pela libertação da África do Sul**. In: Gil, Gilberto. **Dia Dorim Noite Neon**. Wea Discos, 1985.

GIL, Gilberto. **Sará miolo**. In: Gil, Gilberto. **Ao vivo em Tóquio**. Gravadora Palco, 1979.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. São Paulo, 2001.

GOMES, Nilma Lino. **Cabelo e cor de pele: uma dupla inseparável**. In: **Multiculturalismo e a Pedagogia Multirracial e Popular. Série Pensamento Negro em Educação**. Florianópolis, Atilênde (Núcleo de Estudos Negros), 2002.

GUATTARI, Félix. DELEUZE, Gilles. **Maio de 68 não ocorreu**. **Revista Trágica: estudos de filosofia da imanência**. 8(1), 119-121– 2015.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, Brasília: UNESCO, 2009.

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Ed. DP&A, 2006.

LOPES, Victor. **Língua - Vidas em Português**. Roteiro, Ulysses Nadruz e Victor Lopes Produção executiva: Renato Pereira e Suely Weller. Elenco: José Saramago, Martinho da Vila, João Ubaldo Ribeiro, Mia Couto, Grupo Madredeus e outros. Ano: 2004. Distribuição: TV Zero.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Cadernos PENESB. Niterói; EdUFF, 2004, p.17-34.

RENNÓ, Carlos. **Gilberto Gil: todas as letras**. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Análise textual dos discursos 39, 40, 42, 43, 44, 45, 49, 50

### B

Bolsonaro 39, 40, 41, 46, 47, 48, 49, 50

Brasil 1, 2, 5, 8, 10, 15, 17, 25, 26, 27, 29, 34, 35, 36, 38, 40, 42, 47, 48, 49, 52, 56, 59, 62, 63, 66, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 91, 93, 98, 100, 140

### C

Carta 27, 28, 29, 30, 31, 32, 35, 36, 37, 148, 149

Cultura 4, 18, 23, 24, 32, 35, 38, 62, 64, 65, 67, 72, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84, 85, 95, 96

### D

Decolonialidade 75, 77, 78

### E

Erasmus 33, 34, 35, 36, 37, 38

### F

Fake news 40, 47, 48, 49

Figura 23, 34, 35, 43, 45, 57, 58, 96, 101, 105, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 118, 119, 120, 121, 126, 128, 129, 130, 132, 133, 134, 136, 137

França 94, 97, 100, 104, 143, 149

### G

Gilberto Gil 75, 76, 77, 78, 80, 83, 84, 85, 86

### I

Identidade negra 75, 79, 82, 84

Imigrantes 25, 62, 63, 64, 73

Interdição 87, 88, 89, 90, 92, 127

### J

John Bunyan 140, 141, 142, 144, 148, 151, 152

Jorge de Souza Araújo 15

Jornal 8, 10, 11, 19, 127, 129, 135, 136, 138

José de Alencar 33, 34, 36, 37, 38

## L

Letramento 63, 64, 65, 70, 72, 73, 74

Literatura 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 26, 28, 29, 31, 32, 38, 61, 83, 84, 97, 100, 104, 105, 115, 117, 119, 120, 121, 122, 123, 128, 130, 132, 138, 139, 141, 152, 154

Louvet de Couvray 94, 98, 99, 100

## M

Manchete 87, 88, 90

Martins Pena 94, 98, 99, 101, 103

Metodologia 50, 55, 60, 62, 64, 72, 154

Mia Couto 16, 17, 18, 19, 21, 22, 23, 25, 26, 80, 86

Moçambique 17, 22, 25

Moral 5, 7, 10, 83, 95, 102, 143, 147

## N

Narrador 19, 23, 26, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 137, 138, 139

## P

Paródia 140, 143, 145, 146, 148, 150, 152

Pero Vaz de Caminha 27, 28, 32

Personagem 19, 24, 30, 96, 97, 99, 101, 102, 105, 107, 111, 112, 116, 117, 118, 119, 120, 129, 135, 140, 145, 147, 148, 150

Política 2, 5, 6, 7, 11, 19, 24, 26, 34, 36, 37, 38, 39, 40, 48, 50, 52, 53, 56, 78, 87, 90, 94, 95, 96, 98, 139, 145

Pragmática 23, 52, 53, 54, 55, 60, 61

## R

Refugiados 62, 63, 64, 72, 73, 74

Religião 80, 95, 98, 142

Representações discursivas 39, 40, 41, 46, 49, 50, 51

Roland Barthes 105, 117, 120, 121

Ruptura 18, 19, 77, 94

## S

Semiótica 52, 53, 54, 55, 59, 60, 61

Sexo 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102

Sociedade 1, 3, 4, 6, 7, 8, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 21, 29, 50, 62, 78, 82, 85, 95, 97, 98, 101,

102, 146, 150, 152

## **T**

Teatro 8, 38, 103, 116, 128, 135, 136

Travestismo 94, 97, 98, 99, 100, 101, 102

Tropicália 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 85, 86

## **V**

Valêncio Xavier 122, 123, 135, 139

🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
📷 @atenaeditora  
📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](http://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

**Atena**  
Editora  
Ano 2022

# LETRAS, política & sociedade



🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
📷 @atenaeditora  
📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](http://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

**Atena**  
Editora  
Ano 2022

# LETRAS, política & sociedade

